



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

## A AGÊNCIA DOS NÃO-HUMANOS A PARTIR DA TEORIA ATOR-REDE: CONTRIBUIÇÕES PARA AS PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO

Patrícia Kinast De Camillis<sup>1</sup>

Camilla Zanon Bussular<sup>2</sup>

Claudia Simone Antonello<sup>3</sup>

### RESUMO

A Teoria Ator-Rede provoca os leitores a desenvolverem diferentes olhares, a partir da redefinição da noção de social, que retorna às suas raízes, possibilitando novamente o estabelecimento de conexões. Para Latour (2005) a sociedade, longe de ser o contexto no qual todas as coisas são enquadradas, é interpretada como um dos inúmeros elementos que se conectam. É provável, afirma Law (1992), que a maior parte de nossas relações seja mediada pela materialidade. O que seriam das organizações se não fosse a presença da materialidade? Desta foram, dentre as várias noções e conceitos abordados pela Teoria Ator-Rede, optamos por debater a noção de agência dos atores (actantes), que busca a não-dicotomização entre os elementos humanos e não-humanos. Segundo Latour (2005) eles deixam de ser apenas artefatos e passam a ter agência, ou seja, participam das ações e provocam transformações. Nosso propósito com este artigo é, então, de identificar e discutir contribuições da Teoria Ator-Rede para os estudos organizacionais abordando a agência relacionada ao não-humano, sem menosprezar o humano e com um olhar atento às relações. Para sustentar e enriquecer a discussão, são apresentados trechos de dois estudos desenvolvidos no campo da administração. As pesquisas evidenciaram que trabalhadores e trabalhadoras e as materialidades, no curso da prática, não são elementos dissociados e, conforme Knorr-Cetina (2001) são caracterizados pela falta de completude em ser. Assim, destaca-se a ideia de Latour (2005) em que os não-humanos deixam de ser meros intermediários para se tornarem mediadores da ação e adquirem essa característica por sua agência. Nas palavras de Law (2001, p. 01), “não-humanos tal como os humanos podem agir. A agência não diz respeito necessariamente às pessoas”. Desta forma, considerar simetricamente humanos e não-humanos nas pesquisas em administração é justamente trazer para o foro de discussão e análise das cenas organizacionais esses elementos, que por vezes são parcialmente invisíveis e desconsiderados. Discutir questões sobre agência está diretamente relacionado ao estabelecimento de conexões que a TAR preconiza. É nas conexões de elementos heterogêneos que a agência (de humanos e não-humanos) torna-se “capturável” ao pesquisador. Palavras-chave: agência, não-humanos, Teoria Ator-Rede.

### 1. Introdução: Teoria Ator-Rede e algumas discussões

A Teoria Ator-Rede (TAR) tem suas origens nos estudos da ciência, tecnologia e sociedade (ALCADIPANI; HASSARD, 2010), tendo como principais autores Bruno Latour, John Law e Michel Callon. É considerada uma teoria pós-estruturalista

---

<sup>1</sup>patriciadecamillis@gmail.com

<sup>2</sup>camillazanon@gmail.com

<sup>3</sup>claudia.antonello@ufrgs.br

(ALCADIPANI; TURETA, 2009) e pós-humanista (SELGAS, 2008) por buscar diluir a dicotomia entre o social e o natural, além de inserir na mesma visão analítica atores humanos e não-humanos. Estes aspectos contribuem para tencionar o debate agência/estrutura. Nesse sentido, Latour (2005) propõe outra maneira de se compreender o social, não mais de forma segmentada e, sim, através do movimento e das associações que se estabelecem entre elementos heterogêneos presentes numa rede de relações. Essa coletividade busca traduzir o que acontece em nosso meio: as relações entre pessoas e materialidades nas práticas cotidianas.

Por que não provocar, trazer para a pauta e debater, temas que são assumidos como verdades? A teoria ator-rede provoca reflexões acerca do universo científico, cartesiano e exato. Para encadear melhor o entendimento sobre a TAR o que propomos nessa abertura é explicar seu intento principal que é promover outras ideias e noções acerca das ciências do social – onde se inclui o campo da administração. Para iniciar essa discussão, que com certeza não agrada a muitos, Latour (2005) retoma a significação da palavra social, que pode ser utilizada por cientistas como um adjetivo “para designar um estado estabilizado das coisas, um conjunto de laços que, depois, podem ser mobilizados para dar conta de outro fenômeno” (LATOURE, 2005, p. 1). Sua proposta inicial, gerada para encadear as principais premissas da TAR, é redefinir a noção de social, retornando às raízes do conceito e que possibilitem novamente o estabelecimento de conexões. Hoje, não é qualquer tipo de elemento que pode ser considerado como pertencente ao grupo social, isso vai depender de algumas características. “Essa sociedade, longe de ser o contexto no qual todas as coisas são enquadradas, ao invés disso deveria ser interpretada como um dos inúmeros elementos que se conectam, circulando dentro de pequenos condutores” (LATOURE, 2005, p. 4).

Por isso, os autores da TAR encorajam uma visão alternativa para o social, entendendo-o, metaforicamente, como uma cola que pode fixar todos os elementos sociais, incluindo o que outras colas não conseguem fixar. Trata-se, ao invés disso, do que é realmente fixado junto. Muitos cientistas tratam o social como algo formado por elementos homogêneos, mas a mesma palavra pode ser interpretada como uma “trilha de associações entre elementos heterogêneos”. (LATOURE, 2005, p. 5). Analisando a etimologia da palavra social, Latour (2005) identifica que o seu significado original é “seguir/acompanhar”. Alguém seguindo a outros, um acompanhador ou uma associação. “O latim *socius* denota uma companhia, uma associação”. (LATOURE, 2005, p. 6). O autor não define o social como um domínio específico, ou como um tipo particular de elemento, mas como um movimento de associações e de reunião dos elementos. O social para a TAR é, assim, “o nome do tipo de associação momentânea, caracterizada pela maneira como se reúnem as novas formas” (LATOURE, 2005, p.65). Indo mais além, o autor propõe, visto o caráter heterogêneo das relações, dada a presença e a ação de humanos e não-humanos, que a palavra social seja substituída pela palavra “coletivo”. O coletivo explica melhor o projeto de reunir esses novos elementos, antes não considerados como sociais. É difícil imaginar alguma ação que aconteça ou algum saber executado que não seja mediado por algum equipamento, por exemplo. Imagine o que seria a construção de um trabalho se não fossem os livros, os inúmeros artigos, o notebook e seus softwares de edição de texto.

Segundo Law (2004), as áreas da ciência social estão procurando outros novos caminhos no que se refere a métodos de pesquisa, uma vez que se propõe a abordar as relações e trabalhar com o coletivo. Um dos intentos metodológicos da TAR é instigar o pesquisador a não se deter apenas nos elementos humanos presentes no campo, mas



atentar-se aos movimentos e à agência dos elementos não-humanos (LATOUR, 1997). Por isso, Latour e Woolgar (1997), em um dos trabalhos seminais que lança discussões posteriormente aprofundadas pela Teoria Ator-Rede, desenvolvem uma etnografia num laboratório e propõem o princípio da simetria, retomado posteriormente por Callon (1986). Tal princípio não tem a pretensão de propor a equivalência entre humanos e não-humanos, mas provocar os “analistas do social”, ou melhor, os “analistas do coletivo” a incluírem em suas pesquisas estes elementos materiais, que por vezes se tornam invisíveis ou marcados pela dicotomia num contexto de agenciamentos.

Questionando o imperativo dicotômico, Spink (2003) analisa o porquê da necessidade de escolha entre posições ontológicas e epistemológicas, assim como as dicotomias que se estabelecem em função do hábito. A autora, parafraseando Dona Haraway, comenta que seu objetivo é desfazer algumas dicotomias ontogênicas, por meio de rupturas: “animal/humano; organismos/máquinas e físico/não físico” (SPINK, 2003, p.3). Sua proposta é, de fato, subverter algumas dessas dicotomias que, segundo a autora, vêm sendo construídas milenarmente por meio de uma visão antropocêntrica da realidade.

Escóssia e Kastrup (2005) apontam que mesmo com o insucesso do trabalho prático das ciências em promover uma purificação, assim como sinaliza Latour (1994), a filosofia da ciência legitimou o estabelecimento de fronteiras entre os saberes, ocasionando, dessa forma, separações entre domínios específicos, como, por exemplo, a sociologia e a psicologia, ciências humanas e ciências da natureza, entre outros. As autoras afirmam que “esse modo de apreensão do coletivo/social deriva de uma abordagem dicotômica da realidade característica das ciências modernas, cujo efeito, dentre os mais visíveis, é a separação dos objetos e dos saberes” (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 295).

A partir dessas visões de mundo, a TAR nos apresenta algumas noções e conceitos que despertam estranhamento, muitas dúvidas e também críticas. Dentre várias, optamos por debater a noção de agência dos atores (actantes), que busca a não-dicotomização entre os elementos humanos e não humanos. Nosso propósito com este artigo é, dessa forma, o de identificar e discutir contribuições da TAR para os estudos organizacionais abordando a agência relacionada ao não-humano, sem menosprezar o humano e com um olhar atento às relações. Para sustentar e enriquecer esta discussão traremos como exemplo trechos de dois estudos desenvolvidos no campo da administração.

Sendo assim, apresentaremos nas próximas seções uma breve revisão da Teoria Ator-Rede e a noção dos não-humanos, uma discussão sobre o princípio de simetria proposto pela TAR, seguido de dois exemplos empíricos que retratam a busca pela análise da agência dos não-humanos num contexto organizacional. Finalizaremos com reflexões e considerações, geradas a partir das discussões estabelecidas ao longo do texto.

## **2. Teoria Ator-Rede (TAR) e os Não-humanos**

O maior contraste entre a Teoria Ator-Rede e a sociologia, ou a “sociologia do social” como menciona Latour (2005), é a incursão dos elementos não-humanos na análise social. Eles deixam de ser apenas artefatos, cuja significação é atribuída pelo homem, e passam a ter agência, ou seja, participam das ações nas situações cotidianas e provocam transformações. Também podem parecer “simples”, mas não o são. De acordo com Law (1999) a TAR parte da ideia de que entidades (humanos e não-humanos) são constituídas e adquirem seus atributos por meio do conjunto de relações que estabelecem com outras

entidades, sendo realizadas por e através dessas relações e, por isso, pode ser considerada uma aplicação da semiótica.

Neves (2004) menciona que estudos envolvendo elementos técnicos podem gerar dilemas, pois polarizam as opiniões, colocando de um lado aqueles que defendem e valorizam os atores humanos em detrimento da materialidade, e criticam as teorias – dentre elas a ator-rede – acusando-a de ser impessoal e até mesmo desumana. Por isso é relevante esclarecer as intenções: apesar de trazer à cena da análise sociológica os atores não-humanos, os autores da TAR não possuem a pretensão de atribuir características ontológicas semelhantes entre eles. Retomo aqui a discussão das dicotomias: não é necessário polarizar ou rivalizar os diferentes tipos de atores. Sim, eles são diferentes e essa é a justificativa para o caráter heterogêneo da rede. O que se preconiza é, assim, reconhecer que o mundo dos não-humanos, sejam eles materiais ou biológicos – podem ser decisivos na constituição do social (NEVES, 2004).

Latour (2005, p. 76), que a “TAR não é, repito, não é, o estabelecimento de uma absurda ‘simetria<sup>4</sup> entre humanos e não-humanos””. Selgas (2008) traz uma reflexão acerca das teorias tidas como pós-humanistas e afirma que a Teoria Ator-Rede é uma delas, por descentralizar a análise sociológica dos elementos humanos e assumir a heterogeneidade das relações. Contudo, cita o autor, ao fazer esse movimento, essas teorias não pretendem renunciar o humano, ao contrário, pretendem torná-lo cada vez mais humano, por analisá-lo em suas relações, imperfeito, influenciado, mas que também age, influencia e transforma.

A Teoria Ator-Rede provoca os leitores a desenvolverem diferentes olhares. É provável, afirma Law (1992), que a maior parte de nossas relações seja mediada pela materialidade. O que seriam das organizações se não fosse a presença da materialidade? Então, a chamada ordem social também pode ser perturbada. Por isso, “a ordem é um efeito gerado por meios heterogêneos” (LAW, 1992, p. 3).

O fundamental é olharmos os engendramentos coletivos e não os atores separadamente, pois o material e o social são produzidos conjuntamente: “Talvez, quando nós olhamos para o social estamos também olhando para a produção de materialidades; e quando olhamos para os materiais, estamos testemunhando a produção do social” (LAW; MOL, 1995, p. 274). Essa materialidade relacional significa que os “materiais são constituídos interativamente. Fora de suas interações eles não têm existência; não têm realidade. Máquinas, pessoas, o mundo natural, o divino – são todos efeitos ou produtos” (LAW; MOL, 1995, p. 277).

Não há como negar essa inter-relação entre os atores, pois as coisas podem autorizar, permitir, sugerir, influenciar, proibir e assim por diante, afetando as escolhas e possibilidades dos outros atores. Como comenta Spink (2003) não precisamos escolher lados nesse emaranhado dicotômico que se apresenta.

O que a TAR propõem é que se lance um olhar para “quem” e “o quê” participa da ação e esse “o quê” a teoria chama de não-humanos. Com uma linguagem bem-humorada, Latour (2005) explica que a expressão “não-humanos” não tem sentido em si mesma e tão pouco representa pequenos seres estranhos que atuam em níveis subatômicos. Esse

---

<sup>4</sup> Não confundir essa colocação de Latour (2005) com o princípio da simetria generalizada descrito por Callon (1986). Esse princípio se refere à postura do observador que em sua permanência em campo deve atentar-se tanto para os elementos humanos, quanto para os elementos não-humanos em sua pesquisa. Fazer essa proposta não significa afirmar a igualdade entre eles. Pelo contrário, preserva-se ao longo da literatura da TAR a característica heterogênea e provisória entre os elementos da rede (LATOUR, 2005).



despertar da TAR para a materialidade parece algo tão diferente, tão inusitado, mas o fato é que convivemos com esses elementos em nossa rotina diária há muitos e muitos anos. À medida que os não-humanos são assumidos como pertencentes ao social, ou como Latour prefere designar, ao coletivo, garante-se uma liberdade de movimento, que lida com a continuidade e a descontinuidade dos modos de ação (LATOURE, 2005). O movimento é livre e acontece conforme os arranjos da rede, ora estáveis ou não.

Latour (2005) elucida que a partir do século dezenove os sociólogos deixaram a materialidade ao encargo de engenheiros e dos cientistas em seus laboratórios. A separação entre a materialidade e a análise social pode ser explicada por uma divisão artificial imposta a partir de disputas disciplinares e não por constatações empíricas, pois, segundo o autor, o curso da ação coletiva continuou seguindo. O autor alerta também sobre o cuidado que se deve ter nas análises e observações sociais para que os objetos não sejam transformados em intermediários, aqueles que apenas transportam ou refletem a ação humana (LATOURE, 2005).

Os autores da TAR são reconhecidos por acompanharem os cientistas em seus laboratórios, na sua produção e prática dos fatos e dos aspectos técnicos da ciência (LATOURE; WOOLGAR, 1997). Sim, esses são aqueles mesmos cientistas destinados à materialidade e ao mundo natural na discussão anterior. Sua produção pode ser observada, à primeira vista, como um conjunto de fatos rígidos e naturais ou como *matters of fact* (LATOURE, 2004, 2005). Por essa definição, as coisas são consideradas naturais, materiais, estáticas e objetivas. No entanto, o que preconiza a Teoria Ator-Rede é o caráter mediador e agenciador dessa materialidade, que ao invés de estática é dinâmica e apresenta controvérsias (vistas, por exemplo, num laboratório de pesquisa). A materialidade ganha outra definição, pois deixa de ser apenas um dado, uma coisa ou um fato alocado numa determinada situação e passa a ser *matters of concern*, por seus atributos mais dinâmicos e ativos. Para Law (1999 a), a suposta realidade objetiva do mundo é uma produção das redes de relações. Isso não significa dizer que não existam divisões, mas as mesmas são entendidas como efeitos ou resultados e não algo estabelecido *a priori*.

Law e Singleton (2003, 2005) destacam a complexidade dos objetos mencionando a pesquisa que realizaram – talvez não da forma planejada inicialmente – envolvendo pacientes com doenças no fígado. Considerando que a tarefa era “apenas” mapear os processos relacionados ao diagnóstico da doença e a “trajetória típica” de um paciente que procura os serviços médicos, eles consideraram “a sua tarefa num caminho de *matter-of-fact*” (LAW; SINGLETON, 2005, p. 332), por não levarem em conta inicialmente toda a complexidade envolvida nesse processo, porém a perceberam no decorrer de sua pesquisa de campo. De fato, muitos autores (TURETA; ALCADIPANI, 2009; LAW, 2002; SVABO, 2009; RECKWITZ, 2002; ORLIKOWSKI, 2006, 2007; LABATUT *et al.*, 2009; LATOURE, 1992, 1994b, 2009; LAW; MOL, 1995; SUCHMAN, 2005; NEVES, 2007) que dedicaram artigos sobre a materialidade destacam a sua complexidade, tal como pode ser constatado por Law e Singleton (2005).

A TAR sofreu diversas críticas e questionamentos e, por isso, Latour (1999) retoma esse conceito de “ator-rede” para re-explicá-lo e esclarecer alguns pontos, os quais serão apresentados brevemente. Segundo Latour (1997), a “rede” não deve ser comparada a Internet, onde se transporta sem deformações, nem a estruturas fixas, por exemplo, trilhos de trem e muito menos a sociedade; mas como o rizoma de Deleuze e Guatarri (1995) que significa transformações, translações, deslocamentos. Para Freire (2006), uma rede se estabelece e é estabelecida por seus agenciamentos e conexões e não por seus





limites. Este ator não é o ator social da sociologia, mas o que tem a propriedade de produzir efeitos na rede, de ser “actante” Segundo Latour,(1999, p. 346) “a palavra ator se limita a humanos, utilizamos muitas vezes *actant* (actante), termo tomado à semiótica para incluir não-humanos na definição”. Um actante deixa traço e só assim pode ser seguido na rede. E por deixarem rastros visíveis e possíveis de serem percebidos pelos pesquisadores, a TAR propõe o princípio da simetria, que se refere ao exercício metodológico de analisar, em conjunto e na relação com os humanos, a presença e agência do mundo natural e material, que será abordado na próxima seção.

### 3. Teoria Ator-Rede e o Princípio da Simetria

A TAR promove teoricamente uma nova abordagem para se compreender a ciência e a tecnologia em seus emaranhados relacionais, envolvendo complexas interconexões, negociações e mobilização de interesses. Os argumentos convergem para uma ruptura paradigmática, especialmente pela proposta de compreender simetricamente duas ciências (sociais e naturais), marcadamente separadas e dicotômicas no campo acadêmico, que considera ambas como incertas, ambíguas e disputadas. Ao acompanhar os atores, pode-se analisar, de uma forma diferente, o mundo social e natural. Callon (1986) instiga o debate com a seguinte questão “o que pode acontecer se a simetria for mantida em toda a análise das negociações que lidam com o mundo social e natural? O resultado seria um caos?” (CALLON, 1986, p.2).

Para abandonar a problemática metodológica dos estudos da ciência e tecnologia, o autor sugere três princípios:

- (a) Agnosticismo: analisar imparcialmente os atores envolvidos em controvérsias;
- (b) Simetria generalizada: o compromisso de analisar pontos de vista conflitantes nos mesmos termos e

(c) Associação livre: exercício de abandonar a distinção entre o social e o natural.

Através dos princípios sugeridos ao observador, responde-se a questão anteriormente colocada e o seu exercício auxilia na superação da dificuldade teórica presente na discussão entre as ciências naturais e sociais. Portanto, um novo método de pesquisa (ousado) é aludido, onde o pesquisador “segue os atores da rede para identificar a maneira que se definem e associam diferentes elementos, pelos quais eles constroem e explicam o mundo, sendo ele social ou natural” (CALLON, 1986, p. 4).

A noção de simetria foi também apresentada por Latour e Woolgar (1997) como sendo “a base moral” de um estudo etnográfico feito em um laboratório, o qual eles afirmaram ser “duas vezes simétrico: aplica-se ao verdadeiro e ao falso, esforça-se por reelaborar a construção da natureza e sociedade” (LATOUR e WOOLGAR, 1997, p.24). Os autores resgatam o “programa forte” de David Bloor (1976 apud Latour e Woolgar, 1997) para abordar o contexto social e o conteúdo científico sem separá-los e destacam que, para eles, é preciso tratar igualmente e nos mesmos termos natureza e sociedade. Assim, são suprimidas as distinções entre agência/estrutura, verdade/falsidade, humano/não-humano, conhecimento/poder, materialidade/sociabilidade. De alguma forma, todas essas divisões essencialistas e posições fixas, assim como outras, são lançadas na “fogueira dos dualismos” pela TAR. (LAW, 1999)

Os pesquisadores preferem os extremos, ao equilíbrio: buscar uma análise igualitária não significa, contudo, tratar com equivalência os diferentes actantes da rede e



tão pouco excluir um em detrimento do outro. Por exemplo, os não-humanos em sua relação com os humanos são comumente considerados meros intermediários, ao invés de assumirem o caráter mediador das situações. Essa certa “invisibilidade” é quebrada em algumas situações onde, segundo Latour (2005), eles podem ser facilmente notados, mesmo que momentaneamente:

(a) Em alguns locais específicos, como, por exemplo, no espaço de trabalho de um artesão, num departamento de design ou em laboratórios científicos, onde o estudo da inovação e das controvérsias tomam espaços os objetos se tornam mais mediadores que intermediários.

(b) Quando há alguma entrada inusitada de materiais no curso da ação, sendo tratados como exóticos, arcaicos ou alegóricos.

(c) Os não-humanos podem provocar acidentes, quebrar ou atingir outros atores. Retomo aqui a situação que vivi no elevador e como eu passei a dar mais atenção (além de mim, todas as pessoas do prédio que ficaram sabendo da história) a este elemento.

(d) Quando a materialidade é utilizada para resgatar o passado, identificar sociedades antigas, trazer memórias à luz. Certa vez, um documentário apresentou a possibilidade dos gregos terem iniciado as narrativas mitológicas a partir do contato estabelecido, por meio da navegação, com os povos antigos que habitaram a região da Turquia. Arqueólogos descobriram um vaso que continha a pintura de um barco com figuras humanas sobre as águas, num determinado período em que a navegação ainda não era atribuída aos gregos. Esse pequeno vaso descoberto, através de suas características, estava contando a história de uma época e nada menos levando a uma hipótese sobre as fundações do pensamento mitológico. Se isso é verdade ou não, não podemos afirmar. Porém, o fato prendeu a atenção de algumas pessoas por se tratar de um objeto tão pequeno, mas que provocou um grande debate histórico.

Desta forma, os primeiros passos foram dados: assumir a existência, a agência e a inter-relação entre humanos e não-humanos, trazendo para o social o caráter coletivo e heterogêneo. No entanto, eles permanecem silenciosos e continuam não sendo reconhecidos em muitas das análises. Em sua relação com os humanos, comumente são considerados meros intermediários, ao invés de assumirem o caráter mediador das situações. Os mediadores não podem ser contados como uma unicidade e além disso, “o que entra neles nunca define exatamente o que sai” (LATOURE, 2005, p. 65).

Alcadipani e Tureta (2009) recomendam pesquisas empíricas sobre como essas relações são desempenhadas cotidianamente, por exemplo, no Brasil, em organizações comunitárias em favelas, cooperativas autogestionárias e movimentos populares que oferecem múltiplas formas de organizar, diferentes dos negócios tradicionais ao invés de se produzir e reproduzir um discurso de chavões que partem de perguntas auto-respondidas. Os autores ainda destacam que a TAR nos relembra da necessidade de se realizar pesquisas qualitativas em profundidade. Nessas pesquisas empíricas, *in loco*, a TAR, tanto em sua abordagem metodológica quanto como lente de análise, pode contribuir na compreensão do papel desempenhado por humanos, mas especialmente por não-humanos no processo de organizar, destacando como os instrumentos musicais, redes de computadores, câmeras filmadoras e projetores, máquinas de bordado, linhas e tecidos, todos são partes constituintes das organizações e desempenham um papel fundamental nos processos organizativos.



Desta forma, com o intuito de elucidar outros episódios que revelam a agência/presença dos não-humanos num contexto de relação, serão apresentados dois trechos, extraídos de dissertações que utilizaram a Teoria Ator-rede, uma como método e outra como lente de análise, respectivamente, entretanto ambas permitem realizar discussões sobre agência sem nos restringirmos a “intencionalidade das pessoas” ou “intermediação dos objetos”, porém, trazendo a tona, o que de acordo com Latour (2012, p.71) é a “natureza heterogênea dos ingredientes que formam os laços sociais. [...] Por que nunca faço o que quero?”

### 3.1. O Projetor e sua Agência

Enfim, chegou o grande dia da estreia. No teatro que representa a classe dominante de uma época passada; na cidade que viu, ouviu e presenciou a maioria das histórias contadas neste filme-documentário - O Grande Tambor – que faz um resgate histórico da cultura negra do extremo sul do Brasil através de um trabalho de preservação do tambor de sopapo. Esse instrumento musical carrega consigo histórias de antigos carnavais de rua, dos tempos de escravidão, de riquezas materiais, de rituais religiosos. Está na raiz da construção de uma sociedade que se diz europeia e branca renegando sua também origem africana e negra. São histórias contadas por Griôs (mestres da cultura afrodescendente), por descendentes de negros, por descendentes de senhores de escravos, por músicos, historiadores; homens e mulheres envolvidos de alguma forma com a cultura negra ou com interesse em compreender a diversidade cultural da sociedade gaúcha.

Oficialmente, o projeto que resultou neste filme-documentário, a ser apresentado nesse dia, teve a duração de 1(um) ano, aproximadamente, porém muitas descobertas aconteceram antes disso. De qualquer forma, se nos determos apenas nas descobertas, nas situações, nos envolvimento e nos trabalhos realizados durante esse 1 (um) ano de projeto, já é suficiente para compreendermos a dimensão do significado desta estreia. Foram resgates, reflexões e discussões sobre história e cultura, escravidão e preconceito racial, machismo e participação das mulheres, além de crenças religiosas; por meio de pessoas e lugares, muitas vezes esquecidos ou deixados de lado, mas principalmente, por meio do tambor de sopapo “com seu grave imponente para ser ouvido de longe” como dizem os músicos envolvidos no projeto.

Durante o período de realização do projeto houve um intenso processo de criação musical e de gravação da trilha sonora original; um trabalho exaustivo de edição, visitas, entrevistas e alterações de prazos. Reflexões sobre a “carioquização” do carnaval, especialmente no RS, resumidas em uma frase do Mestre Batista “quando tentamos imitar os outros, deixamos de ser nós mesmos”. O material coletado também possibilitou a realização de uma reportagem sobre a Semana da Consciência Negra na qual uma das entrevistadas questiona: “você conhece colônia alemã, italiana... mas, você conhece uma colônia africana?”. E assim foi: muito trabalho e muitos questionamentos, “pessoas de várias etnias, que re-descobrimo a história da cultura onde nasceram, se sentem mais livres [...] *somos brasileiros descobrimo o que constitui nossa bagagem cultural, do que somos feitos...*” relatou uma das participantes do projeto.

E agora, estávamos lá, início de dezembro, para a tão aguardada estreia. Saímos de Porto Alegre de manhã, em um ônibus fretado especialmente para levar os envolvidos no projeto, os amigos e os familiares que quisessem acompanhar. Algumas pessoas da equipe de produção e edição haviam se deslocado com antecedência para Pelotas (cidade





localizada ao sul do Rio Grande do Sul) e comentaram que, na véspera, estiveram em torno de 20 horas trabalhando para finalizar a edição do filme para aquele dia, embora, ainda seria necessário trabalhar mais nos acertos finais, antes de produzirem oficialmente os DVDs que seriam distribuídos. Nesse dia, durante visita a uma antiga charqueada preservada, o tempo chuvoso fez com que os tambores fossem tocados dentro da casa grande, o que, segundo os “conhecedores” da religião afro, era uma determinação dos Orixás. Foi um encontro de celebração pela realização do filme-documentário.

Início da noite, chegamos ao teatro. Um prédio de construção antiga, com lugares de plateia e galerias com camarotes. Não estava lotado, devia ter em torno de 200 pessoas dentro do local. No teatro só havia disponível equipamento de som, então o pessoal da Cooperativa (os realizadores do projeto do filme-documentário) levaram notebooks e projetor para exibir o filme. Iniciaram a exibição com um pouco de atraso e, quase uma hora depois, a projeção parou. Mexe aqui e ali, desconecta e reconecta equipamento, as pessoas ficaram um pouco agitadas, “tá demorando!”, os Mestres Griôs e outros Mestres resolvem subir no palco para tocar e cantar. Muitos aplausos.

Queimou o projetor. Então, substituíram o equipamento e tudo certo. Seguiu-se a exibição porém, em torno de vinte ou trinta minutos depois, queimou o segundo projetor. Inacreditável. Algumas pessoas da plateia resolveram ir embora. No meio dos cochichos e da perplexidade, uma das pessoas da Cooperativa anuncia ao microfone: “pessoal, queimou o segundo projetor... (segundos de apreensão) mas a gente trouxe três!”. Muitos aplausos, gritos, quase delírio – quem iria dizer para levar três projetores e quem iria imaginar que os três seriam necessários? Quando terminou a exibição, sem mais interrupções, já era tarde da noite. Ao final do encontro, fortes abraços, rostos felizes, cansados, sorrisos aliviados, olhares emocionados e quase incrédulos pelo acontecido. E assim pegamos a estrada de volta a Porto Alegre. [trecho adaptado da dissertação]. (Camillis, 2011)

As explicações que os envolvidos deram ao ocorrido foram as mais diversas, desde a instalação elétrica ser muito velha, até a força atribuída a alguns orixás. Entretanto, tudo estava “depositado” no computador e no programa que exibiram o filme, no projetor que mostraria as imagens e nas caixas de som através das quais ouviríamos as histórias, nesses não-humanos estava o resultado do trabalho de, no mínimo, 1(um) ano. Certa vez, um dos envolvidos neste projeto, comentou que um filme quando está na prateleira, não é um filme; ele só é um filme quando é assistido por alguém. Porém, nesta relação geralmente negligenciamos alguns não-humanos que fazem parte do processo: o computador, o projetor e a caixa de som. Basta que um deles não trabalhe, para que, neste momento, sejam lembrados. Eles não “surtem” neste momento, já estavam lá, agindo/trabalhando, apenas nós não os considerávamos em nossas análises.

### 3.2. A Máquina de Bordado e o Corpo

Outro exemplo que demonstra agência dos não-humanos pode ser visto através de outra situação de campo, vivenciada por Bussular (2012). A pesquisadora estava em campo, acompanhando o trabalho de mulheres que atuavam numa cooperativa de costureiras em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Nessa ocasião, uma máquina de bordado gerava uma grande movimentação para as cooperadas que nela operavam. Como se tratava de um equipamento caro e desconhecido, as cooperadas ficavam

desconfiadas e até mesmo com “medo” de manipulá-lo, como elas mesmas mencionaram em conversas informais e nas entrevistas.

Praticando, aprendendo e sabendo. No curso das ações cotidianas esses três elementos nunca estão descolados, mesmo com todo o esforço que é feito para enxergá-los separadamente, como foi possível acompanhar nas relações que se estabeleceram entre máquina, linhas, cooperadas, manuais, pessoas que trabalhavam com bordados e o mecânico da assistência técnica. Uma textura de agenciamentos foi sendo montada a partir das relações estabelecidas entre eles, devido à utilização da máquina de bordado, que naquele ponto havia se tornado um elemento relevante na rede-de-atores (LAW,1992; LAW, 2004). A especial localização da máquina em uma sala reservada para esse fim representava também o destaque que foi concedido a ela.

A agência da máquina não parou por aí. Em algumas oportunidades, a pesquisadora acompanhou diretamente as relações entre máquina e cooperadas, além da grande movimentação do corpo provocada pelas características do seu funcionamento. A máquina trabalhava a partir de um arranjo de linhas disposto em formato “V” na parte superior do equipamento. Em seu lado direito havia um visor, onde era possível programar algumas letras e desenhos para serem bordados. O tecido das camisetas que uma das cooperadas iria bordar, numa tarde de trabalho já estava cortado, porém ainda não costurado. Depois de bordados, os lotes produzidos seguiriam para as costureiras para fechamento das peças e acabamentos. A cooperada desamarrava uma tira de tecido que envolvia o lote a ser produzido e pegava a parte frontal avulsa de uma camiseta. Colocava-a sobre o seu corpo e com um giz amarelo fazia uma pequena marcação na altura do peito. O bordado em questão era uma mistura de tons amarelos e marrons (esse trabalho tinha sido encomendado por uma igreja cristã da região). A marcação feita com o giz indicava o local onde a máquina iria bordar, possibilitando posicionar corretamente o tecido no bastidor, que o prendia. A máquina vinha acompanhada de bastidores de diversos tamanhos e a escolha do seu uso dependia do tamanho do bordado e do tecido em questão.

Naquela ocasião, a cooperada da serigrafia escolheu um bastidor médio para prender a parte frontal da camiseta e a marcação do giz ficou centralizada. Essa marcação era feita sem uma medida exata, mas a partir da visualização do tecido sobre o seu corpo e sobre a impressão dos demais colegas da serigrafia. A primeira camiseta era a mais importante, pois guiaria a forma como as demais peças seriam bordadas. Uma espécie de “peça piloto” que faria uma representação de como o bordado deveria ser feito nas demais peças daquele lote específico. Depois da primeira camiseta pronta, a cooperada mostrava o resultado aos colegas, que validavam ou criticavam esteticamente o material bordado, configurando uma atuação coletiva no setor da serigrafia.

Os colegas validaram o trabalho, e a cooperada retornou para a sala de bordado. Pegou a segunda peça do lote, fez a marcação no local onde o bordado seria feito, de acordo com a primeira peça, colocando uma por cima da outra. Recortou um pedaço de TNT branco (chamado de tecido não tecido), um pouco maior que o bastidor, posicionando-o por baixo do tecido da camiseta. A cooperada comentou que o TNT era importante, pois serviria de base para o bordado e também para que a máquina não repuxasse o tecido principal da camiseta. Por isso, colocou o tecido e o TNT numa tábua de madeira utilizada para prender o bastidor. A tábua era feita sob medida para cada bastidor da máquina de bordado, pelas mesmas pessoas que deram o curso e que por meio de sua prática perceberam que esse instrumento de madeira seria uma ajuda eficaz na



colocação adequada do tecido no bastidor, gerando, conseqüentemente, um bordado de melhor qualidade e perfeição estética.

A máquina levou um pouco mais de 10 minutos para bordar cada peça, naquela ocasião e para não ficar ociosa nesse período a cooperada dividia-se entre a máquina de bordado e as telas com tintas no espaço da serigrafia que focava logo ao lado da sala onde se localizava a máquina de bordado. Enquanto a máquina trabalhava com o bastidor, a cooperada preparava a peça seguinte que seria colocada, para adiantar a atividade. Depois de prepará-la, seguia rapidamente para a serigrafia, pegava a tela e ia fazendo as impressões no tecido. Quando escutava que o barulho da máquina tinha parado, deslocava-se até a sala do bordado para dar continuidade no lote. A linha do bordado era cortada automaticamente. Depois de pronto, a cooperada desprendia o bastidor da máquina, colocava o outro já preparado, dava o comando e a máquina voltava a trabalhar novamente. Seguia novamente para a serigrafia. Logo depois que ela havia saído, num determinado momento, uma linha marrom se rompeu no meio do bordado e a máquina parou. Nem foi necessário chamá-la, pois quando ela ouviu que o barulho havia parado, correu para verificar o que havia acontecido.

Comentou que aquela linha era muito ruim e se arrebatava constantemente, fazendo com que suas idas e vindas até a sala de bordado fossem mais frequentes. Passou o fio novamente pelos orifícios da máquina, com auxílio de uma pinça. Mexeu no programa da máquina diretamente no visor, fazendo com que a máquina retrocedesse alguns pontos para preencher um pequeno espaço vazio. Mesmo não sabendo mexer totalmente no programa, a cooperada sabia dar alguns comandos importantes no visor digital da máquina. Ela tinha facilidade para isso. Assim, fez com que a máquina funcionasse novamente e voltou para a serigrafia.

Em uma de suas voltas à sala de bordado, a cooperada notou que a bobina branca da máquina estava no fim. Desceu as escadas do mezanino e foi até uma das costureiras para encher de linha a tal bobina. O fato era interessante, pois a costureira não apenas encheu a peça como ensinou a sua colega cooperada o como fazer. Dando instruções, disse que o primeiro passo era passar a linha branca, depois retirar a bobina da própria máquina reta, para que o equipamento entendesse que não era para costurar e sim para preencher o pequeno objeto com a linha. A bobina vazia foi colocada na lateral direita da máquina e numa junção de máquina, linha e mãos a bobina foi rapidamente se enchendo. Quando estava totalmente preenchida, a máquina parou de funcionar, pois havia entendido que sua tarefa estava cumprida. Ao final dessa ação, voltou para a serigrafia e continuou imprimindo suas telas, aguardando o novo sinal da máquina.

O barulho parou novamente, mas naquele momento a peça estava pronta. Retirou-a do bastidor e com uma tesoura grande cortou o excesso de TNT na parte de trás do tecido, cuidando para não cortar o tecido em si. Com uma pequena tesourinha, fazia os acabamentos no bordado recém-finalizado pela máquina. A cooperada mencionou que quando o desenho tem letras, por exemplo, é necessário cortar uma pequena linha que sobra na ligação entre as letras para dar um acabamento melhor ao bordado. Comentou ainda que a decisão de cortar essas linhas dependia de como o desenho tinha ficado e isso acontecia ali na hora, de acordo com o que ficasse mais bonito.

Realmente o bordado ficava mais “limpo” depois da retirada dos excessos indicados. Ao longo de toda a tarde a linha se rompeu outras vezes e a cooperada trocava o bastidor a cada 13 minutos que era o tempo que a máquina levava para fazer aquele bordado. Comentou que quando a máquina fazia rapidamente o bordado, ela ficava o



tempo todo por ali, sem precisar ir e vir. “tá vendo que eu nem me sento para fazer esses acabamentos, né? porque se eu sentar, meu corpo vai relaxar e eu vou demorar mais para fazer as coisas” (Bussular, 2012). Ao final da tarde, a cooperada disse que estava com um pouco de dor de cabeça. Além do calor, comentou que estava muito cansada e que ainda iria para o supletivo à noite. Frente a isso, como negar a agência exercida pela máquina, naquela tarde, sobre o corpo da cooperada? As práticas da serigrafia, assim como o tempo e a forma como a máquina foi realizando o bordado fizeram com que a cooperada ficasse entre uma sala e outra, entre uma atividade e outra, ao longo da tarde. A trabalhadora comentou ainda que isso acontecia uma semana sim e outra não, pois ela e outra colega se revezavam nas tarefas do bordado, e que estava sugerindo para que as demais cooperadas da serigrafia aprendessem também a utilizar a máquina, a fim de quebrar um pouco a rotina, que era desgastante.

O que os dois exemplos nos possibilitam pensar? Para refletirmos acerca dessa e de outras questões, realizaremos na próxima seção algumas considerações sobre a agência dos não-humanos por meio de suas relações.

#### **4. Considerações e Reflexões sobre a Agência**

A abordagem da Teoria Ator-Rede tem um número de pontos comuns com outras sociologias, no entanto, de acordo com Law (1992), seu materialismo relacional é bem distinto. A TAR não apenas apaga as divisões analíticas entre agenciamento e estrutura, e entre o macro e o micro social, mas também, propõe tratar diferentes materiais – pessoas, máquinas, “ideias” - tudo o mais - como efeitos interativos, relacionais, e não, causas primitivas. Desta forma, segundo Law (1992) se quisermos responder às questões sobre estrutura, poder e organização, entre outras, deveremos explorar efeitos sociais, qualquer que seja sua forma material. O argumento básico é que na medida em que a “sociedade” se reproduz recursivamente, faz isso porque é materialmente heterogênea e quando a Teoria Ator-Rede explora o caráter de uma organização, trata-o como um efeito da interação entre materiais e estratégias da organização.

Quais são os tipos de elementos heterogêneos criados ou mobilizados e justapostos para gerar os efeitos organizacionais? Como eles são justapostos? Como são superadas as resistências? Que estratégias estão sendo performadas através das redes do social como uma parte do próprio? Até onde vão essas redes? Para a TAR não há coisa tal como última análise, uma vez que não há última análise, na prática há diferenças reais entre os poderosos e os miseráveis, diferenças nos métodos e materiais que eles empregam para se produzirem e reproduzirem. Utilizando a TAR, a tarefa é estudar esses materiais e métodos, para entender como eles se realizam e notar que poderia, e frequentemente deveria, ser de outra maneira (LAW, 1992).

Tendo em vista que a TAR não aceita trabalhar com estruturas invisíveis, subjacentes, considera-se que se elas assumirem formas explícitas então, será possível acompanhá-las; a ênfase recairia nas descrições dos modos que enactam (estabilizam e desestabilizam) e dos modos de existência coletivos. Nessa abordagem, as categorias surgiriam num processo no qual estão envolvidos humanos e não-humanos, segundo Latour (2005). Os objetos não seriam dominados pelos homens, e sim, estabeleceriam relações complexas e até os “superariam”, participando das categorizações. As relações entre humanos e não-humanos estariam tão enredadas que não seria possível separá-las.

Tratar-se-ia de compreender os vínculos que estabeleceriam entre eles. Na TAR o conceito de social seria pensado enquanto produzido em rede, através de regimes de existência política que dariam margem a uma sociologia das ciências e das técnicas (LATOUR, 2005).

A TAR fomenta algumas ideias e o próprio debate em torno das noções de estrutura e agência, uma disputa comum e constante no campo da administração, mesmo que esse não seja o seu foco principal. Agimos porque queremos ou alguma estrutura social ou, no caso, organizacional nos conduz à ação? Quando se afirma que o coletivo é formado por uma rede de relações heterogêneas, assume-se, portanto, que os atores são efeitos das redes (LATOUR, 1999). Para a TAR, macro e micro acontecem nas situações cotidianas e são resultados de uma articulação de redes de atores. Por isso, não é possível dizer, baseando-se no que preconiza a teoria, que a agência é determinada pela estrutura ou o contrário (ALCADIPANI; TURETA, 2009). Na sociologia há uma inquestionável existência de fronteiras (LATOUR, 2005), grupos, culturas, disciplinas, etc., traços do pensamento moderno separador e purificador (LATOUR, 1994), mas que podem ser discutidas quando vemos o social através de suas conexões, que extrapolam esses limites delineados.

Os grupos não podem ser definidos como coisas silenciosas, ao contrário, são constituídos por muitas vozes, por vezes contraditórias, e possuem um caráter provisional (LATOUR, 2005). Não há como afirmar que estamos sozinhos ao longo de nossa existência. Somos constituídos e feitos por muitos e diferentes atores. Mesmo num momento, aparentemente tão solitário, que é a escrita de um artigo, o autor encontra-se acompanhado por muitas ideias que surgem, a partir de vivências, pessoas e objetos, cercado por muitos livros que traduzem a experiência de muitos outros que fizeram esse exercício antes dele. Um autor está, na prática, na presença de vários atores que compõem a sua rede heterogênea de relações e que extrapola os limites do espaço e também do tempo.

A sociologia tradicional, segundo Latour (2005) preconiza a inércia social, em detrimento do movimento e da mudança. Complementa que a regra é a ordem ao invés da decadência, transformação ou criação que são tidas como exceções, quando na verdade marcam a realidade social. Spink (2003), na mesma linha de pensamento, afirma que podemos ser nós em complexas redes, que não são apreendidas como estruturas e posições, mas como movimentos que acontecem no cotidiano. O que se debate na TAR é a conectividade dos diferentes elementos presentes em “locais muito locais, muito práticos e muito pequenos” (LATOUR, 1999, p.17). Essa é uma forma de se explorar o social, observando os movimentos de perto, muito perto, onde agenciamentos de humanos e não-humanos são essencialmente descentrados (SPINK, 2003).

Explorar os acontecimentos aproximadamente, através das práticas, torna mais claro os movimentos e as agências dos atores. Além disso, há uma diferença, a partir da TAR, em considerar um ator como mediador ou intermediário. Nas palavras de Latour (2005), um intermediário seria aquele que transporta o significado ou a força numa situação, sem ocasionar, no entanto, algum tipo de transformação. Os mediadores, por outro lado, alteram as circunstâncias, fazem a translação, distorcem e modificam o significado daqueles a quem deveria representar. Os actantes são inúmeros e a TAR não tem preferência por algum tipo de ator como mediador. Suas ações possuem sempre um resultado inesperado e sua natureza é complexa (LATOUR, 2005).





Outra diferença entre a TAR e as abordagens tradicionais é que os objetos são tratados, na esfera social, apenas como meros intermediários. Vamos imaginar a seguinte situação: um professor chega a sua sala de aula, poucos minutos antes dos trabalhos se iniciarem, separa seus objetos e insere o pen drive no computador disponível. O mesmo, infelizmente, não funciona e não há outro equipamento à disposição do professor. Em poucos minutos essa circunstância faz com que o professor tenha que reprogramar a sua forma de conduzir sua aula e, eventualmente, o conteúdo. Há, de fato, uma grande dependência em relação aos computadores em nossas salas de aula. Muitos professores esqueceram, inclusive, como utilizar o quadro ou outras técnicas pedagógicas. O elemento não-humano assumiu um papel de mediador nessa cena pela sua força de transformação.

Haveria outros exemplos a serem citados, a partir das pesquisas de Camillis (2011) e Bussular (2012), que elucidam a agência provocada pelos não-humanos. No primeiro exemplo, existia uma expectativa e preparação em relação ao lançamento do filme-documentário. Todos se encontravam no entorno para a grande estreia. No entanto, com a falha no projetor, o curso da ação de muitas pessoas, naquela ocasião, foi transformado e alterado. O que dizer da máquina complexa de bordado que, com suas linhas frágeis, fizeram a cooperada se movimentar intensamente naquela tarde, fazendo com que a trabalhadora se dividisse entre a serigrafia de camisetas e a recolocação das linhas que se partiam?

Essa força que transforma o curso dos acontecimentos só é possível através da ação executada pelos elementos que compõem a rede. A noção de ação/agência é uma das importantes características da TAR. Explicando esse traço da teoria, Latour (2005) diz que a ação não é totalmente controlada pela consciência e deve ser definida como um nó, como um conjunto de agências que são surpreendentes e que vão aos poucos sendo desenredadas, à medida que as ações vão acontecendo em determinada ocasião. “As agências dão conta da complexidade, diversidade e heterogeneidade da ação. (...) a ação deve permanecer uma surpresa, uma mediação, um evento” (LATOURE, 2005, p. 45). Há, dessa forma, certa incerteza sobre quem e o que nos faz agir.

A agência estará sempre presente nas situações que envolvam transformação, ou seja, quando alguém ou alguma coisa fizer a diferença onde estiver. Latour (2004) apresenta uma definição de agência, da qual não se pode excluir os não-humanos, como “sendo capazes de modificar outros atores, com uma série de transformações elementares, da qual podemos fazer uma lista graças a um protocolo de experiências”(LATOURE, 2004, p. 141).

Uma agência invisível, que não provoca nenhuma mudança, não faz diferença no meio onde se encontra e, além disso, não deixa nenhum rastro ou caminho, não pode ser considerada uma agência (LATOURE, 2005). A presença dos elementos sociais, entre eles humanos e não-humanos, deve ser evidenciada numa cena, mesmo que eles não estejam fisicamente presentes. Isso acontece porque a ação não pertence a um local específico, é distribuída, alternada, múltipla, deslocada (LATOURE, 2005) e não existe sem os atores, onde quer que eles estejam. Seja esse “onde”, perto ou longe, presente ou ausente.

Retomando o exemplo sobre a escrita de um texto acadêmico, o que aparentemente pode ser considerada uma ação individual é, na verdade, uma ação coletiva. Essa é uma das facetas complexas em torno da noção de ação/agência. Nunca alguém estará sozinho em uma ação, pois os seres e as coisas encontram-se num constante devir, influenciados por essa construção coletiva, que não implica, como condição *sine qua non*, a presença física/espacial dos demais atores. Cada ação, não importando quão trivial ela seja, provê

ao cientista social o conjunto de entidades consideradas no momento e que explicam como e porquê de qualquer ação (LATOURE, 2005). Essa imbricação que nunca termina, mas que se encontra sempre em mutação, entre os elementos da rede e seus agenciamentos, representa o caráter processual dos fenômenos em estudos.

Law (1992) argumenta que pela TAR os fenômenos podem ser vistos, metaforicamente, como um verbo e não como um substantivo. O verbo indica algo que está acontecendo, dinâmico e inacabado. Ao passo que os substantivos remontam algo estático, institucionalizado, acabado. Adotar uma visão processual tem suas consequências, complementa o autor. Isso vai de encontro às ideias de alguns teóricos da administração, por exemplo, e em tantas outras esferas de estudo, que tentam normatizar e buscar sempre a ordem das coisas, negando que existem ordens no plural (LAW, 1992), assim como resistências, desordens, poder, relações instáveis, processos com inúmeras implicações e que nunca estão finalizados.

Tais ações e acontecimentos que modificam as situações não são, dessa forma, exclusividade de agentes humanos, mas contam com a presença e interferência de elementos não-humanos. O maior contraste entre a teoria ator-rede e a sociologia, ou a “sociologia do social” como menciona Latour (2005), é a incursão de tais elementos na análise social. Deixam de ser apenas artefatos, cuja significação é atribuída pelo homem, e passam a ter agência, ou seja, participam das ações nas situações cotidianas e provocam transformações.

De acordo com Neves (2004) os estudos envolvendo a materialidade podem gerar dilemas, uma vez que podem polarizar as opiniões, colocando de um lado aqueles que defendem e valorizam os atores humanos em detrimento da materialidade, e criticam teorias como a TAR acusando-a de ser impessoal e até mesmo desumana. Por isso é relevante esclarecer que apesar de trazer à cena da análise sociológica os atores não-humanos, os autores da TAR não possuem a pretensão de atribuir características ontológicas semelhantes entre eles. Não é necessário polarizar ou rivalizar os diferentes tipos de atores, gerando dicotomias. Sim, eles são diferentes e essa é a justificativa para o caráter heterogêneo da rede. O que se preconiza é, assim, reconhecer que o mundo dos não-humanos, sejam eles materiais ou biológicos – podem ser decisivos na constituição do social (NEVES, 2004).

Graças à ideia de ação e cognição distribuídas (ACD), desenvolvida pelas ciências cognitivas, desfez-se, de acordo com Callon (2008), de um só golpe, pontos de discussão em torno da Teoria Ator-Rede, principalmente acerca da importância que esta concedia aos dispositivos técnicos e não-humanos. Para o autor, essa discussão permitiu avançar no estudo da produção coletiva de conhecimentos. (CALLON, 2008). Para TAR não se pode compreender a ação humana, e tão pouco a constituição de coletivos, sem levar em conta a materialidade, as tecnologias e os não-humanos, sendo assim, a análise da cognição e da ação são feitas com base em premissas materiais. (CALLON, 2008)

A noção de tradução<sup>5</sup>, que segundo Callon (2008) é muito trabalhada, porém, pouco explorada, trata-se de uma noção tanto simples quanto fundamental. Não se pode

---

<sup>5</sup> Deixamos aqui a palavra “tradução”, respeitando a tradução da entrevista de Callon (2008). Esse é, no entanto, um conceito crucial da TAR e preferimos abordar o termo em português como translação ao invés de tradução. Essa característica da TAR, em inglês, chama-se *translation*. O termo tradução, muitas vezes, representa a ideia de “preservação do original”. Para ilustrar essa expectativa, podemos citar o exemplo da ação de traduzir um livro em inglês para o português. O que espera o leitor? Que a tradução se aproxime ao máximo do original e que em sua leitura ele consiga entender o significado real que o autor quis transmitir



descrever a ação, partindo de fontes de origem que são pontos, estruturas ou agentes, mas sim, através da circulação de certo número de entidades que são mais importantes que os pontos ou as estruturas. Na circulação, as relações se referem às coisas que circulam e a ideia de tradução se associa à ideia de circulação (CALLON, 2008).

A metodologia interessada no que circula permite conhecer as traduções e as coisas que se deslocam, qual a natureza do se desloca, de que matéria o social está sendo feito e seguir sua dinâmica. Então, a ideia de tradução corresponde à circulação e transporte, a tudo o que faz que um ponto se ligue a outro pelo fato da circulação. É importante descrever o que circula. (CALLON, 2008)

De acordo com Callon (2008) um bom termo a ser usado é o “agenciamento sociotécnico” (*agencement sociotéchnique*) para descrever a grande diversidade de agências. Segundo o autor, o problema não é saber se os seres humanos são dotados de intenção, se são capazes de certa forma de conhecimento, se são capazes de calcular, se são altruístas ou egoístas, para Callon (2008) não está em debate a capacidade de agenciamento dos seres humanos. A questão consiste em “saber quais são os agenciamentos que existem e que são capazes de fazer, de pensar e de dizer, a partir do momento em que se introduz nestes agenciamentos, não só o corpo humano, mas os procedimentos, os textos, as materialidades, as técnicas, os conhecimentos abstratos e os formais, etc”. (CALLON, 2008, p. 309). Existem agenciamentos diferentes uns dos outros capazes de fazer coisas igualmente diferentes.

A partir da noção de tradução, consideramos que uma agência sem a passagem por outra coisa (que pode ser um não-humano, uma técnica, etc.) não é uma agência humana. A agência limitada ao ser humano não alude apenas a ele, uma vez que esse está incorporado em operações de tradução, isto é, um ser humano se encontra sempre incluído em uma dinâmica de agenciamento em que cada elemento esclarece os outros e permite compreender porque o agenciamento atua de certa maneira (CALLON, 2008). Assim, “um mercado econômico é um agenciamento, mas também um agente econômico é um agenciamento”. (CALLON, 2008, p. 310)

Conforme Law (2004) existe também um senso em desenvolvimento de que fluxos globais são incertos, imprevisíveis e até caóticos, matematicamente falando. Então o mundo está em movimento e a ciência social mais ou menos, relutantemente, segue seu curso. Porém, agora, a agência pode ser imaginada como emotiva e incorporada e não cognitiva. Estruturas podem ser imaginadas como mais quebradas ou imprevisíveis em sua fluidez e, ao mesmo tempo, dentro das ciências sociais, falar de método é ainda evocar um relativo repertório limitado de respostas.

A partir do momento em que se afirma que a ação passa através dos coletivos distribuídos, a oposição entre humanos e não-humanos pode desaparecer. Assim, em lugar de haver uma grande dicotomia entre humanos e não-humanos, apreciam-se muitíssimas diferenças de agências e de ação. A grande vantagem deste enfoque é que não temos que

---

em sua língua materna. Mesmo que algo se perca – dependendo de quem está operando a tradução e, aliás, existem muitas traduções literárias de má qualidade – o objetivo não se altera: preservar as palavras e as ideias de determinado autor. Porém, a translação utilizada pela TAR conduz a uma ideia de movimento e, durante esse processo, os atores, com frequência, alteram o sentido das ideias originais transmitidas e que pertencem a outros elementos da rede. Ver: CALLON, Michel. Entrevista: Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 10, nº 19, jan./jun. 2008, p. 302-32.



escolher entre duas categorias de agência (humana ou instrumental), mas simplesmente observar a decolagem de uma multidão de agências diferentes que estão ligadas ao fato de que há numerosos agenciamentos possíveis que atuam diferentemente. É que pode-se estudar tudo isso empiricamente. “Com a noção de agenciamento, passamos a uma tolerância generalizada que permite a existência de todas as agências possíveis”. (CALLON, 2008, p. 312)

## 5. Possíveis Contribuições para a Pesquisa em Administração

Dentre os diversos conceitos que são característicos da Teoria Ator-Rede, escolhamos tratar nesse artigo mais especificamente de um: “a noção de agência”, sendo que quando atribuída aos não-humanos, geralmente causa, no mínimo, estranheza. Éramos questionadas e também nos questionávamos de “como mostrar que o não-humano também age”. Entretanto, cabe destacar que é um foco difuso de se estabelecer, uma vez que, a noção e os exemplos relacionados à agência dos não-humanos estão distribuídos ao longo de diversos textos da Teoria Ator-Rede e muitas vezes sem uma especificação precisa por parte dos autores.

Em nossos casos empíricos, o filme-documentário e o bordado são efeitos de suas redes de relações, da mesma forma que o equipamento de projeção e a máquina de bordado, assim como ambas as cooperativas das quais esses e outros não-humanos e humanos participam. A TAR ajuda, portanto, a atribuir as ações a um número maior de agentes ou actantes, uma vez que, a agência não está confinada nas pessoas, sendo distribuída e todos estes elementos possuem capacidade de agir. A responsabilidade pelas ações fica dividida entre humanos e não-humanos que recebem tratamento simétrico (LAW, 2003), bem como a sociedade e a natureza (LATOURE, 2001; LATOURE, 2000; LATOURE; WOOLGAR, 1997), os vencedores e os vencidos (LATOURE; WOOLGAR, 1997; LAW, 1992). Lembrando que a dicotomia entre sujeito e objeto dificulta entender os coletivos.

Vale sempre ressaltar, dotar os não-humanos de capacidade de agência não significa retirar essa capacidade dos humanos, mas incluir mais elementos na análise dos complexos processos organizativos. Em nenhum dos relatos foi excluído ou menosprezado a agência humana. A felicidade e o cansaço, atributos que por muitos são considerados unicamente humanos, são perpassados por não-humanos; são efeitos da rede heterogênea.

Não há como negar as diferenças, mas ao invés de tratar os actantes separadamente, sem qualquer associação, o pesquisador pode testemunhar essa presença de híbridos (LATOURE, 1994; MORAES, 2004). As pesquisas evidenciaram que trabalhadores, trabalhadoras e as materialidades, no curso da prática, não são elementos dissociados. Knorr-Cetina (2001) salienta que os objetos são caracterizados pela falta de completude em ser, de modo que o objeto só é objeto quando está em relação com o outro. Como Latour (2005) comenta, os não-humanos deixam de ser meros intermediários para se tornarem mediadores da ação e adquirem essa característica por sua agência. Nas palavras de Law (2001, p. 01), “não-humanos tal como os humanos podem agir. A agência não diz respeito necessariamente às pessoas”.

Diversas críticas feitas à Teoria Aator-Rede e sua abordagem sobre os não-humanos advém de pesquisas que privilegiam uma análise isolada, que trazem uma evidência excessiva aos não-humanos, em detrimento dos humanos. No movimento de



trazer à tona o mundo natural e material, que por vezes são excluídos da análise sociológica, tais intentos reforçam as dicotomias entre estes actantes da rede, colocando ambos em lados opostos. Considerar simetricamente humanos e não-humanos nas pesquisas em administração é justamente trazer para o foro de discussão e para a análise das cenas organizacionais estes elementos, que por vezes são parcialmente invisíveis e desconsiderados. Discutir questões sobre agência está diretamente relacionado ao estabelecimento de conexões que a TAR preconiza. É nas conexões de elementos heterogêneos que a agência (de humanos e não-humanos) torna-se “capturável” ao pesquisador.

Gostaríamos que a nossa discussão provocasse o olhar para que os elementos humanos e não-humanos fossem vistos não de forma separada/dicotomizada e sim através de sua aproximação e relação. É a partir da relação entre ambos que a agência ocorre. Salientamos que existem diferenças entre a noção de relação e de interação. Interagir é estar em contato, mas sem provocar algum tipo de perturbação (aqui no sentido de afetação), enquanto que o ato de relacionar mexe e afeta. Latour (2005) afirma que a TAR é criticada por apresentar características relativistas e empiristas, entretanto, o autor complementa dizendo que a Teoria Ator-Rede mais do que “relativista” deveria ser considerada como “relacionista”, por atentar-se aos arranjos relacionais que acontecem entre os actantes heterogêneos presentes na rede.

Nos relatos das situações extraídos dos estudos empíricos de Camillis (2011) e Bussular (2012) foi possível observar as relações e o imbricamento entre os actantes. O projetor não estava sozinho, tão pouco a máquina de bordado. Esses e outros materiais presentes nas narrativas faziam parte de uma rede heterogênea de relações e, devido às falhas (tanto do projetor, quanto da máquina de bordado), provocaram mudança no curso das ações; estimularam sensações, tensões e movimentação corporal, além do sentimento de frustração e por fim, felicidade, pela desordem estabelecida na estreia do documentário, cuidadosamente arquitetado, como foi vivenciado no caso do projetor. A agência da materialidade nestes casos empíricos não existiria e nada significaria, se os demais actantes não estivessem ali, como no exemplo do filme que seria exibido. Não existiria projetor sem apresentação, sem plateia; nem bordado sem a costureira. Os elementos não-humanos só existem nestas condições no caso de estarem em relação com o outro, na sua incompletude, como salienta Knorr-Cetina (2001).

Em contrapartida, é possível visualizar, ainda através dos estudos citados, a intensa movimentação causada por ambos os equipamentos nos actantes que estavam relacionando-se com eles. Os não-humanos se tornam actantes e adquirem sentido nas relações e é por meio delas que a agência se torna possível. Retomando Latour (2005), a agência dos não-humanos se torna mais visível em determinadas situações, sendo uma delas os momentos em que estes elementos provocam acidentes, quebram ou atingem outros actantes.

Dessa forma, não há como compreender o trabalho e processos organizativos sem considerar a presença e agência dos não-humanos; sem considerar o operário com sua ferramenta ou um gerente sem seu notebook. Eles estão por toda a parte e nos tornamos híbridos, misturas e miscigenações ao estarmos em relação com aquilo que é diferente.





## Referências

- ALCADIPANI, R.; HASSARD, J. Actor - Network Theory, Organizations and Critique: Towards a Politics of Organizing. **Organization**, v. 17, p. 419-435, 2010.
- ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e análise organizacional: contribuições e possibilidades de pesquisa no Brasil. **Organizações & Sociedade - O & S**, v. 16, p. 647-664, 2009.
- BUSSULAR, C. Z. **Alinhavando os Saberes na Prática: O Trabalho de um Grupo de Mulheres pela Perspectiva da Teoria Ator-Rede**. Porto Alegre: UFRGS, 2012, 312 fls. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- CALLON, M. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. First published in J. Law, **Power, action and belief: a new sociology of knowledge?** London: Routledge, 1986, p.196-223
- CALLON, Michel. Entrevista: Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 10, nº 19, jan./jun. 2008, p. 302-32.
- CAMILLIS, P. K. **Por Uma Administração do Cotidiano: Um Estudo Ator-Rede sobre Autogestão**. Porto Alegre: UFRGS, 2011, 237 fls. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. (2005). O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicologia em Estudo**, v.10, n.2, p. 295-304, 2005.
- FREIRE, L.de L. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. Comum, Rio de Janeiro, v.11, n. 26, 2006, p. 46 – 65.
- KNORR- CETINA, K. Objectual practice. In: SCHATZKI, T. R., KNORR- CETINA, K., VON SAVIGNY, E., (eds.) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. Routledge, London, 2001.
- LABATUT J.; AGGERI F.; ASTRUC J. M.; BIBÉ B.; GIRARD N. The active role of instruments in articulating knowing and knowledge: The case of animal qualification practices in breeding organizations. **The Learning Organization**, Special Issue on Practice-Based Studies, v. 16, n. 5, p. 371-385, 2009.
- LATOUR, B. Where are the Missing Masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts. In: **Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change**, Eds. Wiebe E. Bijker & John Law, MIT Press, USA, 1992, pp. 225–258.
- LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, B. On actor-network theory: A few clarifications. **Página Eletrônica do Centre for Social Theory and Technology (CSTT)**, Keele University, UK, 1997.
- LATOUR, B. On Recalling ANT. In: LAW, J.; HASSARD, J. **Actor-network theory and after**. Oxford: Blackwell Publishing, 1999, p.15-25.
- LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.
- LATOUR, B. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. São Paulo: EDUSC, 2001.

- LATOUR, B. Why has critique run out of steam? from matters of fact to matters of concern. **Critical Inquiry**, v. 30, n. 2, p. 225-248, 2004.
- LATOUR, B. **Reassembling the Social: an Introduction to Actor-Network Theory**. New York: Oxford Press University, 2005.
- LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: João Arriscado; Nunes Ricardo Roque (Eds). **Objectos Impuros, Experiências em Estudo sobre a Ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2009, p. 37-62.
- LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-rde**. Salvador: Edufba, 2012, São Paulo: Edusc, 2012.
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LAW, J. Notes on the theory of the actor network: ordering, strategy and heterogeneity. **Centre for Science Studies**. Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, 1992. Publicado em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf>> Acesso em 20 jan. 2012.
- LAW, J. After ANT: complexity, naming and topology. In: LAW, J.; HASSARD, J. **Actor-network theory and after**. Oxford: Blackwell Publishing, 1999.
- LAW, J. Ordering and obduracy. **Centre for Science Studies**. Lancaster University, 2001. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Ordering-and-Obduracy.pdf>>.
- LAW, J. Objects and Spaces. **Theory, Culture and Society**. v. 19, p. 91-105, 2002.
- LAW, J. Disasters, A/symmetries and interferences. **Centre for Science Studies**. Lancaster: Lancaster University, 2003. Disponível em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Disasters-Asymmetries-and-Interferences>.
- LAW, J. **After Method: Mess in social science research**, Taylor & Francis e-Library, 2004.
- LAW, J. After ANT: complexity, naming and topology. In: LAW, J.; HASSARD, J. **Actor network theory and after**. Oxford: Blackwell, 1999.
- LAW, J.; MOL, A. Notes on materiality and sociality. **The Sociological Review**, v. 43, n. 2, p. 274-294, 1995.
- LAW, J.; MOSER, I. Managing, subjectivities and desires. **Centre for Science Studies**. Lancaster: Lancaster University, 1999. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/soc019jl.html>>.
- LAW, J.; SINGLETON, V. Allegory and its others. In: **Knowing in organizations: a practice-based approach**. NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. Sharpe, Armonk, New York and London, 2003, p. 225-254.
- LAW, J.; SINGLETON, V. Object Lessons. **Organization**, v. 12, n. 3, p. 331-355, 2005.
- MORAES, M. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. **História, Ciências, Saúde** — Manguinhos, v. 11, n.2, p. 321-33, maio/ago. 2004.
- NEVES, J. P. A tese da autonomia do técnico na "teoria do actor-rede": dois estudos empíricos. **XVII Seminário da AISO - Associação Ibero-americana de Sociologia das Organizações**. Valência, Espanha 21 a 23 de Outubro de 2004.
- NEVES, José Pinheiro. Seres humanos e objectos técnicos: a noção de “concretização” em Gilbert Simondon. **Comunicação e Sociedade**, vol. 12, p. 67-8, 2007.
- ORLIKOWSKI, W. J. Material knowing: the scaffolding of human knowledgeability. **European Journal of Information Systems**, v.15, n. 5, p. 522-524, 2006.



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

ORLIKOWSKI, W. J. Sociomaterial Practices: Exploring Technology at Work. **Organization Studies**. v. 28, n. 09, p. 1435-1448, 2007.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**. n.5, v. 2, p. 243-263, London: Sage, 2002.

SELGAS, Fernando J. García. Posthumanismo(s) y ciencias sociales: una introducción. *Política e Sociedad*, v. 45, n. 3, p. 7-15, 2008.

SPINK, M.J. Subvertendo algumas dicotomias instituídas pelo hábito. **Athenea Digital**, v.4, p. 1-7, 2003. Disponível em <<http://antalya.uab.es/athenea/num4/spink.pdf>>.

SUCHMAN, L. Affiliative Objects. **Organization**. v. 12, n. 3, p. 379–399, 2005.

SVABO, C. Materiality in a practice-based approach. **The Learning Organization**. v.16, n. 5, p. 360-370, 2009.